

ESCOLA SECUNDÁRIA FELISMINA ALCÂNTARA

MANGUALDE



PROJECTO EDUCATIVO

2003

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>O CONTEXTO LOCAL</b> .....	<b>2</b>
Aspectos Históricos e Geográficos .....	2
Indicadores Demográficos .....	8
Freguesias e Aldeias do Concelho .....	8
População residente segundo grupos etários .....	8
População residente por freguesia .....	9
Indicadores Económicos .....	9
Indicadores Económicos .....	10
<b>O CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	<b>11</b>
Caracterização dos Espaços .....	11
Breve historial .....	12
Oferta Educativa Curricular .....	13
Alunos .....	14
Inquérito .....	15
Idade e Sexo .....	15
Residência dos Alunos .....	17
Características dos Agregados Familiares .....	18
Hábitos de Leitura .....	21
Prática de Desporto .....	21
Número de Reprovações .....	22
Intenção de Prosseguimento de Estudos .....	23
A escola vista pelos Alunos .....	24
Principais preocupações dos Alunos .....	25
Docentes .....	26
Não Docentes .....	26
Pessoal Administrativo .....	26
Pessoal Auxiliar .....	26
Associações .....	27
Associação de estudantes .....	27
Associação de Pais e Encarregados de Educação .....	27
<b>CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA ORGANIZACIONAL</b> .....	<b>28</b>
<b>PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS</b> .....	<b>28</b>
<b>VALORES</b> .....	<b>31</b>
<b>OBJECTIVOS</b> .....	<b>31</b>
<b>ESTRATÉGIAS ORGANIZACIONAIS</b> .....	<b>32</b>
<b>AVALIAÇÃO DO PROJECTO</b> .....	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

O Projecto Educativo de uma escola pretende, antes de mais, caracterizá-la, quanto às suas estruturas, indicar e descrever as metodologias a utilizar para atingir os objectivos a que se propõe. Assim, o documento que apresentamos vai-se ser estruturado dessa forma. É um documento novo, mas tem como referência o produzido em 1996/97. Em virtude das mudanças sociais, políticas e mesmo locais, acontecidas no período de tempo compreendido entre esse período e o actual, houve mudanças educativas. Isso justifica que as metodologias, estratégias e objectivos que se pretendem atingir sejam diferentes.

A própria escola, enquanto instituição, modificou-se, não só quanto aos recursos humanos e tecnológicos disponíveis, como também em relação à população que a frequenta. Por isso, os dados que iremos apresentar vão permitir-nos equacioná-la como instituição em mudança, provocada por diversos fenómenos estruturais e evolutivos. Também por isso, o ideário sócio-organizacional de 1996/97 é totalmente diferente do actual. No entanto, não se pretendeu efectuar uma alteração radical neste projecto, antes enquadrá-lo em função da nova realidade sócio-escolar. A sua elaboração partiu de uma consulta a todos os intervenientes através das suas estruturas organizativas. Não efectuámos um questionamento individual a todos elementos directa ou indirectamente intervenientes na escola, porque, por um lado, seria um trabalho de algum impraticável e, por outro, porque se trata, antes de mais, de recriar o existente e projectá-lo para a execução de uma nova realidade com base nas premissas sócio-organizacionais existentes. Contudo, todos os elementos da escola foram auscultados através das suas estruturas representativas, as quais constituem a comunidade educativa através dos órgãos colegiais da escola - Assembleia de Escola, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo. Tal acontece porque os diplomas legislativos nos permitem introduzir um paradigma organizacional de consulta diferente quanto à participação dos elementos da comunidade no projecto educativo. Dessa forma, todos os elementos da comunidade educativa tiveram a sua participação neste projecto.

A concepção de projecto educativo que vamos apresentar problematiza o acto de educar como um processo de socialização, personalização e promoção de uma futura integração socioprofissional dos alunos. Para a sua viabilização disponibilizam-se um conjunto de professores e funcionários, organizados através dos órgãos e mecanismos pedagógicos educativos. Este quadro organizacional não pode estar dissociado dos espaços familiares, socio-económicos e sócio-culturais de origem do aluno. Esta referência é importante porque nos permitirá desenvolver estratégias que não concorram para a ruptura do meio escolar com o meio de origem do aluno. Por isso, este documento tratará todos os dados informativos para que tenha uma expressão colectiva num projecto uno que cada um organizará em função das interacções a estabelecer com o seu meio envolvente.

## O CONTEXTO LOCAL

### ***Aspectos Históricos e Geográficos***

O actual concelho de Mangualde englobando as antigas terras de Zurara e Tavares, é composto por 18 freguesias ocupando uma área aproximada de 22.740 hectares e 26.500 habitantes. Tem como sede do concelho a cidade de Mangualde, elevada a esta categoria em Julho de 1986.

Situa-se no limite setentrional da região planáltica, encaixada entre as serras da Estrela e do Caramulo, a qual, *grossomodo*, constitui a parte sul da Beira Alta.

O território do concelho de Mangualde foi povoado desde remotas eras, sendo abundantes os vestígios das civilizações pré-históricas, nomeadamente da civilização dolménica. Dentro destas destacam-se as Antas ou Dolmens que vulgarmente são conhecidas por Orcas. A da Cunha-Baixa uma das maiores e mais bem conservadas da Península Ibérica, é monumento nacional desde 1910 e é constituída por uma câmara e corredor diferenciados. A câmara é poligonal, formada por 9 esteios; o corredor é longo com 8 esteios de cada lado e possui duas lajes de cobertura.

O espólio exumado encontra-se no museu nacional de Arqueologia e Etnografia em Lisboa e na ACAB, destacando-se um monólito decorado com 15 sulcos profundos cujo topo é encimado por uma fossete, além de machados de pedra polida, percurtor em quartzito, lâminas de sílex, micrólitos e fragmentos cerâmicos.

Há a referir ainda outros monumentos megalíticos como a “Orca dos Padrões” em Vila Nova de Espinho, “Orca dos Braçais” em Outeiro de Espinho, “Orca de Gandufe” e a “Anta da Sr<sup>a</sup> do Castelo” localizada nas abas do castro do monte da Senhora do Castelo, mas há muito já destruída pela ignorância do Homem.

Normalmente atribui-se uma ocupação pré-romana ao monte de Nossa Sr<sup>a</sup> do Castelo, onde teria existido um castro e posteriormente uma fortaleza romana. Os romanos desejosos de se expandirem e atraídos pelas inúmeras riquezas naturais da P. Ibérica, nomeadamente a exploração mineira, iniciam, em finais do sec. III A. C., a sua ocupação progressiva, que irá perdurar até ao séc. V, altura em que toda a Europa ocidental é assolada por invasões bárbaras. Com a romanização, há uma autêntica difusão e assimilação das estruturas culturais, políticas, sociais, económicas e religiosas por parte dos povos que então habitavam a península. Não sendo uma excepção, o concelho de Mangualde, foi também intensamente ocupado, espalhando-se os vestígios desta época por mais de três dezenas de locais que podem ir desde modestos casais a aglomerados populacionais mais densos. Assim em Mangualde, terá existido um importante aglomerado urbano, a “Citânia Raposeira”, constituída por um variado conjunto de estruturas habitacionais, que se pressupõe ser um núcleo agrário, com os seus banhos privados e áreas cobertas destinadas às diversas funções domésticas e agrícolas. Esta citânia data dos primeiros séculos da nossa era, onde foi encontrado um rico e variado espólio com destaque para um conjunto de moedas da dinastia dos Antoninos.

Outras estações arqueológicas há, como sejam o monte da Sr<sup>a</sup> do Castelo, a Quinta da Igreja, Cubos e Passos.

É por demais sabido que os Romanos foram exímios na arte de construir estradas. Por aqui passava uma das principais vias da Lusitânia, ligando Emerita Augusta (Mérida) a Bracara Augusta (Braga). Nela destacam-se dois marcos miliários encontrados em Abrunhosa-a-Velha aludindo a reparações da via pelos imperadores Adriano e Numeriano. Uma segunda via entrava no concelho através da ponte de Alcafache, cujos alicerces são de origem romana, seguindo para Espinho, atravessando algures o Rio Mondego. Uma outra atravessaria o concelho pelo lado norte. Outras vias secundárias existiam merecendo atenção pela sua conservação, os troços de Guimarães de Tavares e Mourilhe. Para além dos já referidos marcos miliares foram encontradas aras, ámulas e estelas funerárias.

Como era inevitável também estas terras viriam a sofrer toda a sorte de calamidades ocasionadas pela apocalíptica passagem dos Bárbaros no séc. V, assim como duas centúrias mais tarde causadas pela imparável arremetida muçulmana. Estes teriam ocupado o monte da Srª do Castelo, cujo alcaide teria sido um mouro de nome Zurara, passando então a fortaleza a chamar-se “Castelo de Zurara ou Azurara”, dando origem ao antigo nome deste concelho, “Azurara da Beira”.

A história de Mangualde medievo prende-se com a do país que nessa altura surgia e se afirmava como nação independente na luta contra os mouros e subsequente repovoamento. O monte da Srª do Castelo, onde se terá erguido a fortaleza já referida, zona privilegiada de vigia, posto de observação de várias milhas em redor, do seu cimo descobre-se uma das mais vastas paisagens que vão do Buçaco ao Caramulo, Montemuro e Gralheira. Um outro marco importante desta época distante e ainda antes dos alvares da nacionalidade é o 1 foral concedido a Mangualde pelo Conde D. Henrique e por D. Teresa em 1102 - trata-se de um documento importantíssimo não só pelo documento em si, mas por ter sido o segundo concedido pela administração condal e o primeiro dado a territórios da Beira.

D. Dinis concedeu o segundo foral e D. Manuel I o terceiro em 1514.

Na Idade Média a vila, hoje cidade, nasceu à volta de dois primitivos bairros - o primeiro genericamente designado por "Vila" - "Cabo da Vila"- era constituída ainda, nos começos do século XVIII, por humildes e modestas vivendas, como são as que ainda caracterizam aquela parte da cidade.

A Igreja Matriz ficava distante e fora do povoado, junto ao velho caminho para Viseu.

Jóia da arquitectura românica teve origem num mosteiro rural, doado em 1103 por Pedro Sesnandes à Sé de Coimbra. Do primitivo edifício nada resta, o que se vê hoje data da época de D. Dinis - parede da nave do lado sul - o estilo é de transição do românico para o gótico com um portal de arco quebrado e uma interessante série de cachorros de decoração variada. No interior a talha do Altar-Mor e quadros de pintura sobre madeira são do séc. XVII-XVIII. Fundada no séc. XI e ao longo de nove séculos de existência não houve acontecimento histórico-natural ou local, que nele não se tenha repercutido e até à sua substituição pela igreja do complexo paroquial não houve baptizado, comunhão, casamento ou funeral, risos e choros que a não tivessem tido por cenário.

Nessa época recuada toda a sua vida social desenrolava-se nesse velho bairro (Cabo da Vila) onde se encontravam todos os serviços e até mesmo o pelourinho.

Do séc. XVI ou XVII data a construção da torre onde mais tarde se colocou o mecanismo do relógio que dará à torre a designação popular que ainda hoje tem de "Relógio Velho". Nesta época recuada,

a actividade agrícola constituía a sua principal fonte de riqueza; de todas as espécies cultivadas o lugar de destaque era ocupada pela vinha que, já no foral do Conde D. Henrique (1102) apontava o vinho como matéria tributável e hoje faz parte integrante da região demarcada do Dão. O milho, a maçã, o queijo e mais tarde a batata e a madeira são outros tantos produtos que sempre pesaram bastante na economia Mangualdense.

Até meados do séc. XVII ou começo do séc. XVIII a extensa área designada hoje de Rossio era desabitada. Com o desenvolvimento da população surgiu a necessidade de novas construções pelo que naquele baldio público se começou a formar um novo bairro. Por essa mesma altura (meados do séc. XVII) os Paes do Amaral ainda não tinham erguido o seu magnífico palácio e no seu lugar existiam umas modestas casas onde residiam.

No séc. XIX o casario começou a aumentar nessa zona, mas foi a construção da estrada que, atravessando-a em toda a sua extensão, e se dirige à Guarda, contribuiu para esse desenvolvimento. Durante o século passado, os dois bairros acabaram por ficar ligados, assumindo o segundo bairro (do Rossio) uma importância maior pois foi aí que se veio a concentrar toda a vida social e económica de Mangualde, onde se instalaram repartições públicas, sucursais de bancos, estabelecimentos comerciais, cafés, etc. Para o desenvolvimento e progresso material de Mangualde muito contribuiu a sua localização geográfica, mas também a abertura e traçado de novas vias que a ligaram aos principais centros do país. Aqui vieram primeiro para comerciar, acabando depois por se fixar, muitos comerciantes de lanifícios da Covilhã, Gouveia, Seia, Manteigas e Loriga que expunham os seus artigos e Mangualde era o local escolhido para essas transacções pois sempre foi um dos mais importantes entrepostos do país.

Um outro aspecto que muito pesou na balança comercial desta cidade foi a realização das suas feiras que até finais do século passado tinham uma periodicidade mensal, passando posteriormente a realizar-se quinzenalmente. Porém, o mais importante mercado é o anual que tem lugar no 1º domingo do mês de Novembro e que por isso se denomina "Feira dos Santos".

Cidade desde 1986, ligada à Europa pelo caminho-de-ferro e mais recentemente pela rodovia IP5, tem conhecido um grande progresso a todos níveis.

A história de Mangualde, no final da Idade - Média, está ligada a uma família poderosa e influente na Beira. É a do descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral. A sua influência faz-se sentir, provavelmente até ao reinado de D. Afonso III. Foi, aquele navegador, Alcaide - Mor da então vila de Azurara da Beira.

O terceiro avô do descobridor do Brasil, Álvaro Gil Cabral, por se ter mantido fiel ao Mestre de Avis, aquando da crise sucessória provocada pela morte de D. Fernando, é recompensado por aquele, já quando 1º Rei da 2ª dinastia, doando-lhe "de Juro e herdade" as terras de Azurara da Beira. Quando das Cortes de Coimbra que proclamam D. João I, o terceiro avô de Pedro Álvares Cabral é um dos que assina os autos das cortes.

Os descendentes de Álvaro Gil Cabral sempre foram grandes defensores dos direitos que tinham sobre as terras de Azurara.

Além doutros domínios a família dos Cabrais tinha vivenda, casa de arrecadações e celeiro na quinta de S. Cosmado. Desta família há a destacar Fernão Álvares Cabral, que durante bastantes anos, foi corregedor da Beira, onde se tornou temido pela sua justiça. Foi a este Cabral, pai de Pedro

Álvares Cabral, segundo o documento que costa na Torre do Tombo, que foi doado o padroado da igreja de S. Julião de Mangualde.

O descobridor do Brasil terá nascido em Belmonte, no ano de 1467 ou 1468 e aí passou a sua meninice até entrar como moço fidalgo para a casa de D. João II. Durante a sua infância, terá visitado os seus domínios territoriais de Azurara da Beira. De regresso da sua histórica viagem, talvez aqui não tenha voltado mais pois retirou-se para Santarém, mas continuou a usar sempre o título de Alcaide-Mor de Azurara da Beira.

No século XVII surgem na vida política e administrativa da vila de Mangualde os Paes do Amaral, gente ilustre que alcança a sua maior preponderância durante o século XVIII, pelo ao acumular de riquezas e honrarias, em parte devido a uma série de excelentes casamentos que esta família contraiu. No entanto, até Simão Paes do Amaral, que foi familiar do Santo Ofício e Capitão-Mor de Azurara da Beira, a família vivia "em casas pequenas" e foi este que as transformou no magnífico palácio onde vivem, desde então, os seus descendentes. Este palácio foi mandado construir durante a guerra da Sucessão de Espanha, ou seja, entre 1701 a 1713. Sem dúvida que se pode considerar como o mais belo do norte de Portugal. Lembra a traça dos arquitectos italianos. A fachada principal é pela harmonia das suas linhas dum grande equilíbrio. Sobre o pórtico principal, uma rendilhada varanda de granito. Não é de desprezar o seu lado sul que abre sobre o vasto pátio do palácio. Servem para o seu ingresso dois braços da escadaria em arco de ogiva que vão terminar num pequeno átrio no 1º andar. A fachada nascente, abrindo sobre a quinta, já é moldada em estilo diferente com preocupações de Castelo Senhorial. A norte, temos sobre os jardins e pomares, uma arquitectura simples, onde a luz entra a jorros. Mas o que mais impressiona é a entrada. O átrio é ornamentado com ricos painéis de azulejo, provavelmente da fábrica do Rato.

Mangualde foi também alvo de 3ª invasão francesa. Quando os franceses chegaram a Mangualde, a vila quase estava deserta. A maioria da população tinha-se refugiado para os lados de Penalva do Castelo. Antes de chegarem os franceses, os mangualdenses queimaram, no Rossio, todo o milho que a vila possuía, e esvaziaram as adegas. Ao mesmo tempo todos os objectos de valor que não podiam ser transportados foram ocultados ou enterrados. Apesar de tudo, foram ainda mortas várias pessoas, que na altura, se encontravam a trabalhar no campo. A Igreja Matriz foi assaltada, mas nada de valor conseguiram retirar, pois a custódia tinha sido escondida num lugar seguro. Os soldados continuaram à procura de algo de valor e, é nesta óptica que arrombaram a porta da Capela da família Rebelo, hoje pertença da Câmara Municipal, e aí cortaram uma perna a um dos anjos que ladeiam o Sacrário, facto que ainda hoje se pode verificar. Massena, quando da sua passagem por Mangualde pernoitou, na noite de 18 para 19 de Setembro, na casa de Anadia. Foi daqui que seguiu para o Buçaco onde sofreu a estrondosa derrota na batalha comandada por Wellington, que dirigia o exército anglo-luso.

Ainda ligado à casa de Anadia encontra-se a Igreja da Misericórdia, pois não há dúvida que o seu iniciador, a quem se devem atribuir as maiores despesas, é Simão Paes do Amaral, embora para a sua construção muito tenham concorrido os habitantes de Mangualde. O Templo foi edificado nos princípios do séc. XVIII. É um templo, se bem que pequeno, de grande elegância. Pelo lado Sul tem uma varanda portuguesa muito em uso nas construções solarengas dos séculos XVII e XVIII. As paredes norte e sul, do corpo central, são revestidas de ricos painéis de azulejo da fábrica do Rato,

representando do lado direito as "Bodas de Canã" e a do lado esquerdo o milagre da Multiplicação dos Pães. É de destacar nesta Igreja, uma interessante pintura sobre a Visitação de Santa Isabel, feita pelo pintor de Viseu, António José Pereira. Os painéis do tecto da Capela - Mor são da escola italiana, o que é notório pelas suas características: intensa luz, colorido e ainda a perfeição das figuras, provavelmente de Pelegrini.

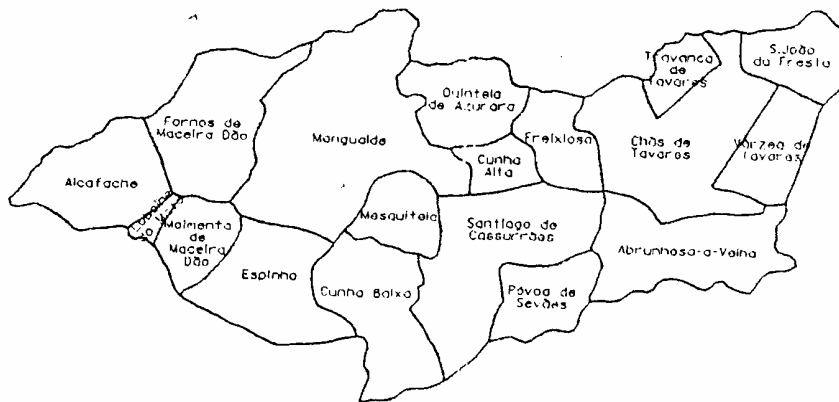
Como ex-líbris da cidade de Mangualde existe a ermida da Senhora do Castelo, cuja construção data do séc. XVIII. Esta foi levada a cabo em nome da paróquia, sob a iniciativa, mais uma vez, da família Paes do Amaral, a troco da administração temporária dos bens da irmandade e dos réclitos dos ex-votos. A este Santuário acorriam as populações da Beira no dia da festa da Natividade da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Castelo, 8 de Setembro e já na véspera tinha sempre um ruidoso arraial. E ainda hoje esta tradição se mantém enchendo-se o monte de forasteiros.



O actual concelho de Mangualde englobando as antigas terras de Zurara e Tavares, é composto por 18 freguesias ocupando uma área aproximada de 220,7 Km<sup>2</sup> e cerca de 21.000 habitantes. Tem como sede do concelho a cidade de Mangualde, elevada a esta categoria em Julho de 1986. Situa-se no limite setentrional da região planáltica, encaixada entre as serras da Estrela e do Caramulo, a qual, *grossomodo*, constitui a parte sul da Beira Alta. Confronta-se a Norte com o Concelho de Penalva do Castelo, a Oeste com o Concelho de Viseu, a Sul com os Concelhos de Nelas e Seia, a Este com o Concelho de Gouveia. Mangualde situa-se na região centro de Portugal Continental, mais concretamente na Beira Interior. Localiza-se a mais ou menos 17 km da sede do distrito – Viseu. A forma topográfica dominante é o planalto que se inclina para sul, cortado pelos vales encaixados dos rios Dão e Mondego. Nas encostas destes vales encontram-se terras férteis de aluvião. Neste Concelho existe uma cadeia de pequenas montanhas destacando-se a Nascente a Serra da S<sup>a</sup> do Bom Sucesso (zona mais elevada do concelho - 761 metros) que se prolonga para Guimarães de Tavares. Neste encadeamento sucedem-se as serras de Abrunhosa-a-Velha, Cunha Alta e Almeidinha que se ligam à da S<sup>a</sup> do Castelo. Na parte central do Concelho aparecem as terras

de vegetação fértil - freguesias de Mangualde, Fornos de Maceira Dão, Espinho e Alcafache. Dispersas e de fraca altitude notam-se as elevações de Tabosa, Roda e Fagilde.

Do ponto de vista geomorfológico esta região insere-se num conjunto denominado Maciço Antigo Ibérico de formação muito antiga datado dos finais da era paleozóica. Desde essa altura foi sujeito a um processo prolongado de erosão e aplanação das suas formas e posteriormente sofreu um rejuvenescimento na era cenozóica. A área é toda granítica, embora heterogénea relativamente à textura e composição cujas formas actuais são consequência da acção erosiva da sua rede hidrográfica.



O clima da região apresenta Invernos relativamente frios mas pouco prolongados e Verões quentes e secos. A amplitude térmica e a temperatura média anual são moderadas. As chuvas são bastante irregulares e concentram-se de Novembro a Março, existindo igualmente um outro período seco estival coincidente com os dois meses quentes do ano, Julho e Agosto. O total anual de precipitação é elevado. Trata-se, pois, de um clima temperado de feição continental muito atenuada.

O manto vegetal primitivo encontra-se profundamente degradado, apenas restando algumas pequenas manchas de flora primitiva, outrora composta por espécies caducifólicas donde sobressaíam os carvalhos e outras folhosas. A posterior introdução e alastramento do pinheiro bravo e mais recentemente do eucalipto, a prática do pastoreio, os fogos e o abate indiscriminado de árvores muito têm depreciado a nossa floresta.

A população residente tem registado alguma flutuação coincidente com as variações a nível nacional. Até à década de sessenta, registou ligeiros aumentos; na década de sessenta registou-se uma descida acentuada, -33,5%, motivada pelo êxodo rural e a forte corrente emigratória para os países da Europa Ocidental; na década de setenta assinalou um aumento substancial, 22,4%, motivado pela vinda de nacionais das ex-colónias, assim como o regresso definitivo de muitos emigrantes.

A densidade populacional deste concelho é, de acordo com o CENSO de 2001, de 95,0 hab/Km<sup>2</sup>, não ficando muito distante da média nacional - 111 hab/km<sup>2</sup>.

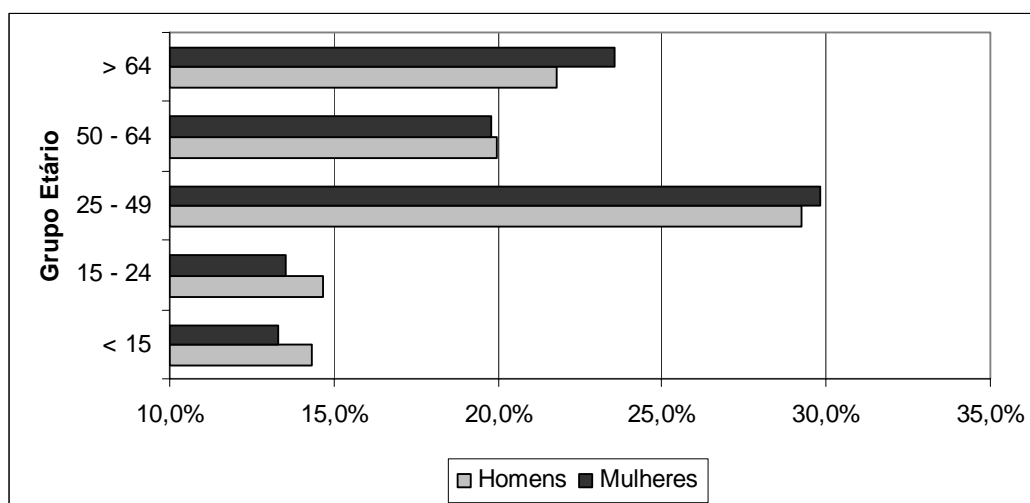
A caracterização da população deste concelho a nível da instrução tem apresentado evolução significativa se compararmos os valores da taxa de analfabetismo em 1981 e 1991 que foram de 22,1% e 16,3% respectivamente.

## Indicadores Demográficos

### Freguesias e Aldeias do Concelho

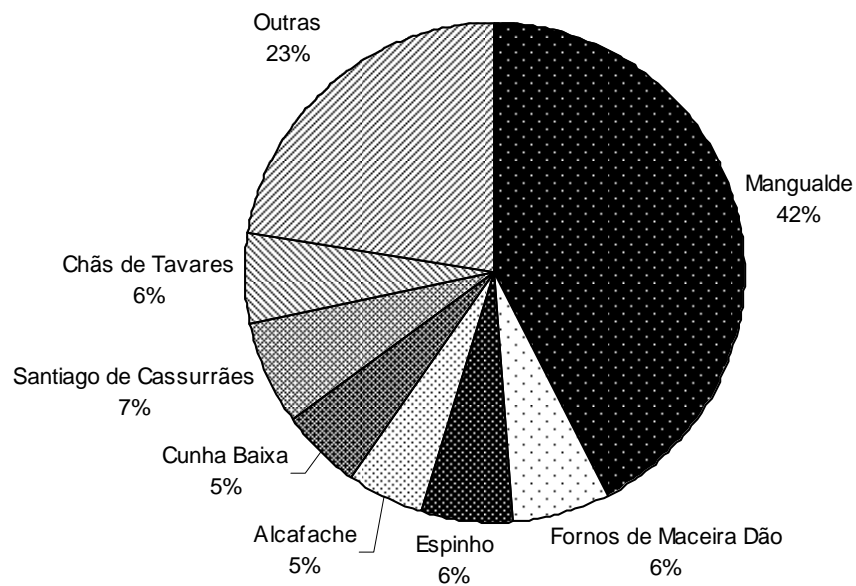
Freguesia	Aglomerados mais importantes
Abrunhosa-a-Velha	Abrunhosa-a-Velha, Vila Mendo de Tavares, Gouveia-Gare
Alcafache	Tibaldinho, Mosteirinho, Aldeia de Carvalho, Casal Mendo, Casal Sandinho, Termas de Alcafache
Chãs de Tavares	Vila Seca, Chães de Tavares, G. Tavares, Santo Amaro de Tavares, Matados, Tiago, Corvaceira, Quintas da Maria Neta
Cunha Baixa	Cunha Baixa, Abrunhosa do Mato
Cunha Alta	Cunha Alta
Espinho	Espinho, Outeiro de Espinho, Vila Nova de Espinho, Gandufe, Água Levada, Póvoa de Espinho
Fornos de Maceira Dão	Fornos do Dão, Pedreles, Tibalde, Tabosa, Vila Garcia, Fagilde
Freixiosa	Freixiosa
Lobelhe do Mato	Lobelhe do Mato
Mangualde	Almeidinha, Ançada, Canedo do Chão e do Mato, Cubos, Darei, Oliveira, Passos, Pinheiro de Baixo e de Cima, Lavandeira, Quinta da Moita, Roda, Santa Luzia, Santo Amaro, Santo André, S. Cosmado
Mesquitela	Mesquitela, Mourilhe, Mangualde-Gare
Moimenta de Maceira Dão	Moimenta de Maceira Dão
Póvoa de Cervães	Póvoa de Cervães
Quintela de Azurara	Quintela de Azurara, Canelas, Coval, Quintas do Campo Redondo e Serra
Santiago de Cassurrães	Santiago de Cassurrães, Aldeia Nova, Casal de Cima, Outeiro, Cassurrães, Fundões, Casal Mondinho, Contenças de Baixo, Contenças de Cima
S. João da Fresta	Casais, S. João, Fresta, Avinhó, Pinheiro
Travanca de Tavares	Travanca de Cima, Travanca de Baixo, Outeiro
Várzea de Tavares	Torre de Tavares, Vila Cova de Tavares

### População residente segundo grupos etários



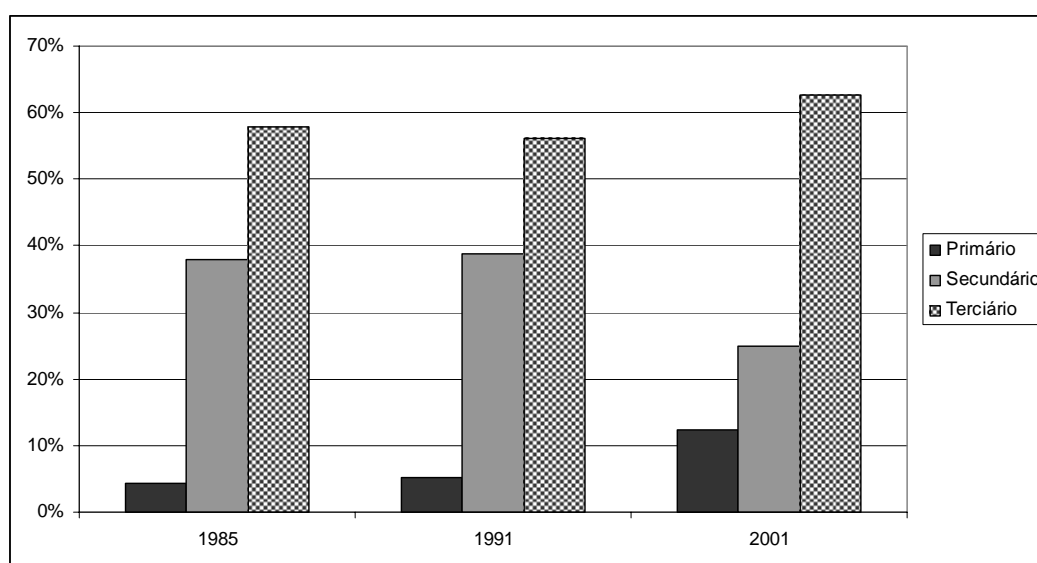
## População residente por freguesia

Freguesias	1981	1991	2001
Abrunhosa à Velha	764	785	669
Alcafache	1093	1137	1029
Chãs de Tavares	1423	1107	1200
Cunha Alta	191	199	211
Cunha Baixa	1242	1272	1133
Espinho	1377	1398	1226
Fornos de Maceira Dão	1640	1548	1360
Freixiosa	307	307	280
Lobelhe do Mato	382	363	317
Mangualde	8146	8573	8904
Mesquitela	840	822	954
Moimenta de Maceira Dão	647	745	664
Póvoa de Cervães	279	235	225
Quintela de Azurara	494	523	580
Santiago de Cassurrães	1589	1543	1412
São João da Fresta	363	345	281
Travanca de Tavares	185	179	155
Várzea de Tavares	476	415	370



## Indicadores Económicos

ACTIVIDADES	1985	1991	2001	
	Nº Empresas	Nº Empresas	Nº Empresas	Nº Trabalhadores
Agricultura, Silvicultura, Caça e Pesca	3	12	233	47
Indústrias Extractivas	3	4	7	50
Indústrias Transformadoras	46	66	180	2.805
Produção e distribuição de Electricidade, Gás e Água	--	--	2	--
Construção	36	56	302	234
Comércio, Reparações, Alojamento e Restauração	78	114	851	640
Transportes Armazenagem e Comunicações	8	16	90	621
Actividades Financeiras	4	8	50	--
Outras	0	31	220	279
<b>Totais</b>	<b>203</b>	<b>307</b>	<b>1.935</b>	<b>4.676</b>



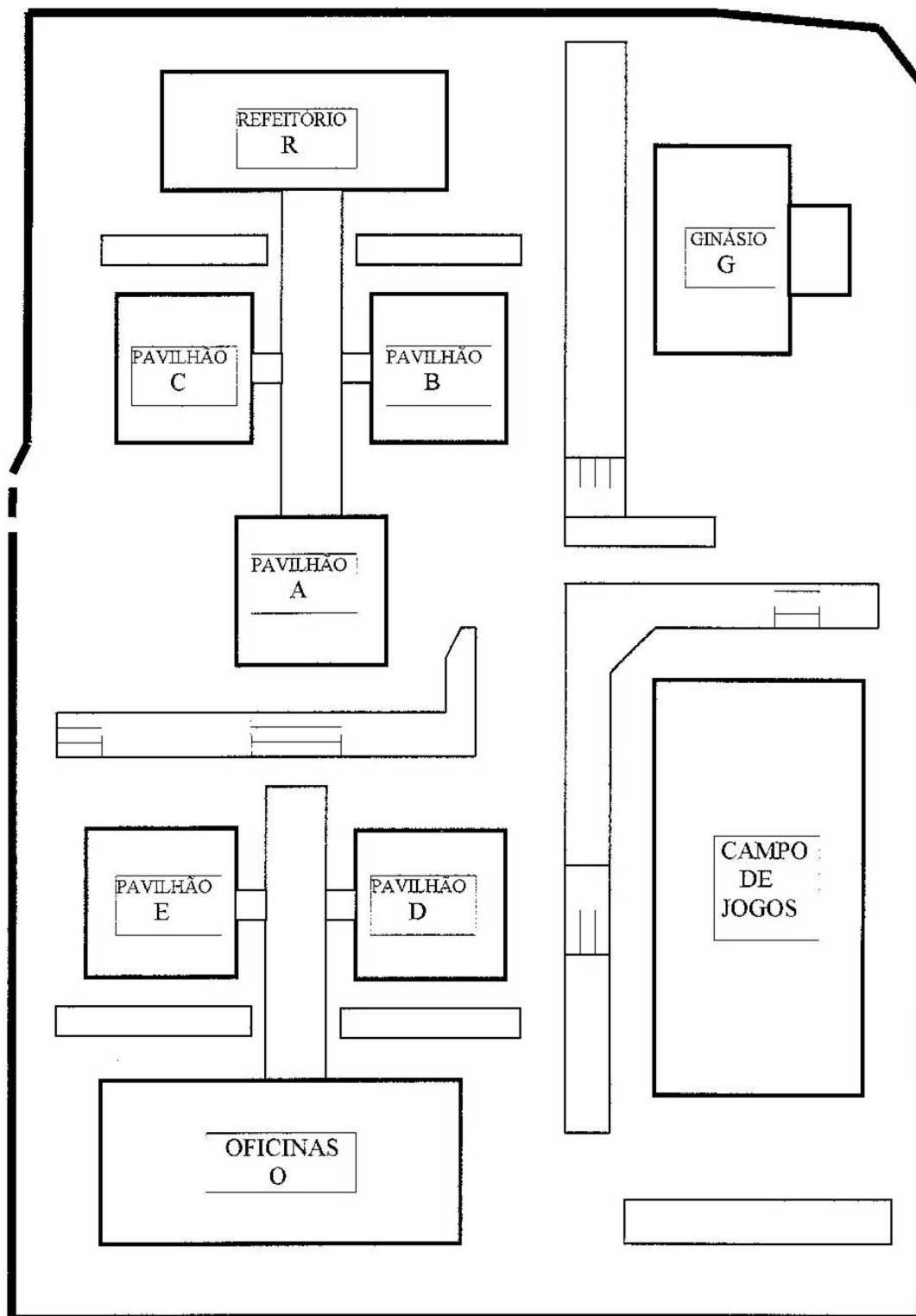
É importante referir que o gráfico acima diz respeito ao tecido empresarial ao nível do número de empresas. A leitura do quadro conduz, de imediato, à constatação que o sector secundário é aquele que emprega mais pessoas neste concelho.

Indicador interessante quanto ao peso na região do sector secundário em Mangualde é o que se refere ao consumo de energia eléctrica no concelho, especialmente quando comparado com o da região e com o da capital de distrito.

Unidade Territorial	Consumo Doméstico de Electricidade por Consumidor	Consumo Industrial de Electricidade por Consumidor
	milhares de kwh por consumidor	milhares de kwh por consumidor
Mangualde	<b>1,7</b>	<b>272,2</b>
Viseu	<b>2,1</b>	<b>34</b>
Dão-Lafões	<b>1,7</b>	<b>69,1</b>

## O CONTEXTO ESCOLAR

### *Caracterização dos Espaços*



PAVILHÃO A	Secretaria, Conselho Executivo e Assessorias, Sala de Professores, Reprografia, Gabinetes de Directores de Turma, Biblioteca, Centro de Formação
PAVILHÃO B	Laboratórios de Electrotecnia, Gabinete dos SPO's, Salas de Desenho e Salas de Aula.
PAVILHÃO C	Laboratórios de Biologia, Atelier de Artes, Salas de Aula
PAVILHÃO D	Salas de Informática, Salas de Aula, Gabinete do PES
PAVILHÃO E	Auditório, Laboratórios de Física e Química, Sala de Convívio do Pessoal Não Docente, Salas de Aula, Gabinetes de Trabalho
PAVILHÃO G	Gimnodesportivo
PAVILHÃO O	Oficinas de Mecanotecnia, Sala de Desenho, Gabinete de Manutenção.
PAVILHÃO R	SASE, Sala de Convívio de alunos, Papelaria, Refeitório, Bufete, Associação de Estudantes.

### ***Breve historial***

A origem da ESFA remonta a 1970, ano em que foi criada em Mangualde, nas instalações da antiga Colónia de Férias da C.P., uma secção da Escola Industrial e Comercial de Viseu. A ênfase foi colocada em cursos técnicos em regime pós laboral e a população alvo era constituída por jovens trabalhadores à procura de melhor qualificação. Em 1975, na sequência da revolução, a escola mudou de instalações, passando a ocupar os edifícios do Colégio. Esta mudança. Contudo, não foi apenas logística. A escola passou a ser a primeira escolha no concelho no que dizia respeito à continuação de estudos pós preparatórios. Foi também aqui se operou a unificação dos percursos escolares. O número de alunos cresceu dramaticamente, provocando a sobrelotação das instalações e o conseqüente ensino em condições deploráveis. No entanto, foi apenas em 1989 que se procedeu à mudança para instalações novas – as actuais. Instalações que, logo à partida, eram insuficientes para dar resposta a uma população escolar crescente, a qual chegou a atingir perto de 1.700 alunos em regime diurno. Esta situação manteve-se até ao momento em que a Escola Gomes Eanes de Azurara passou a receber turmas do 3º ciclo de escolaridade.

Em 1998, por iniciativa do Rotary Club de Mangualde e o apoio da Câmara, foi aprovada a proposta de atribuição de um patrono à escola. Data desse ano a denominação de Escola Secundária Felismina Alcântara – a ESFA.

Importa referir que apenas a partir da reforma iniciada 1992 é que a ESFA passou a receber alunos dentro da escolaridade obrigatória. Até então apenas recebíamos alunos do Ensino Secundário. Esta questão é central já que a maioria dos docentes do quadro efectuou a sua profissionalização, e grande parte da sua vivência profissional num contexto de ensino não

obrigatório, lidando, ainda, com visíveis dificuldades com as novas realidades características do ensino obrigatório.

Contudo, ao longo dos anos, diversas foram as iniciativas levadas a cabo com marcado sucesso, no sentido de provocar alterações a estas concepções, que acabam, de alguma forma, por constituir a cultura organizacional da escola. Foi assim que surgiu, em 1992, o projecto educativo do 7ºE, turma constituída por alunos com patentes dificuldades de aprendizagem, e que foi acarinhado pela tutela, nomeadamente através do apoio do então Secretário de Estado, Pedro d'Orey Cunha. Tratou-se de um projecto assente na compensação educativa e na diversificação curricular que permitiu que os alunos concluíssem com sucesso e em três anos a escolaridade obrigatória. Em certa medida, e sem falsa modéstia, este projecto funcionou como um verdadeiro precursor dos Currículos Alternativos surgidos na legislação em 1996.

Foi também nesta linha que a escola aderiu, logo à partida, ao Projecto Viva a Escola. No âmbito deste projecto realizámos iniciativas múltiplas visando a prevenção primária da toxicoddependência, a adopção de estilos de vida saudáveis e a finalidade personalizadora da educação. Estas actividades nunca deixaram de ser realizadas e são hoje abrangidas pelo Programa de Educação para a Saúde.

É ainda de referir a nossa participação entusiástica em projectos de disseminação das tecnologias da informação, desde o Minerva até ao TRENDS, este com valiosas parcerias com a Câmara Municipal e a Portugal Telecom. Hoje, a escola orgulha-se de ser uma das mais participativas num dos projectos mais avançados de formação de professores à distância – o Prof2000.

Não pode ser esquecido o esforço permanente de apresentação de candidaturas a projectos e a financiamentos comunitários, onde pontificam o Nónio Sec. XXI e as várias medidas do Prodep.

## ***Oferta Educativa Curricular***

A ESFA oferece aos seus alunos os seguintes cursos:

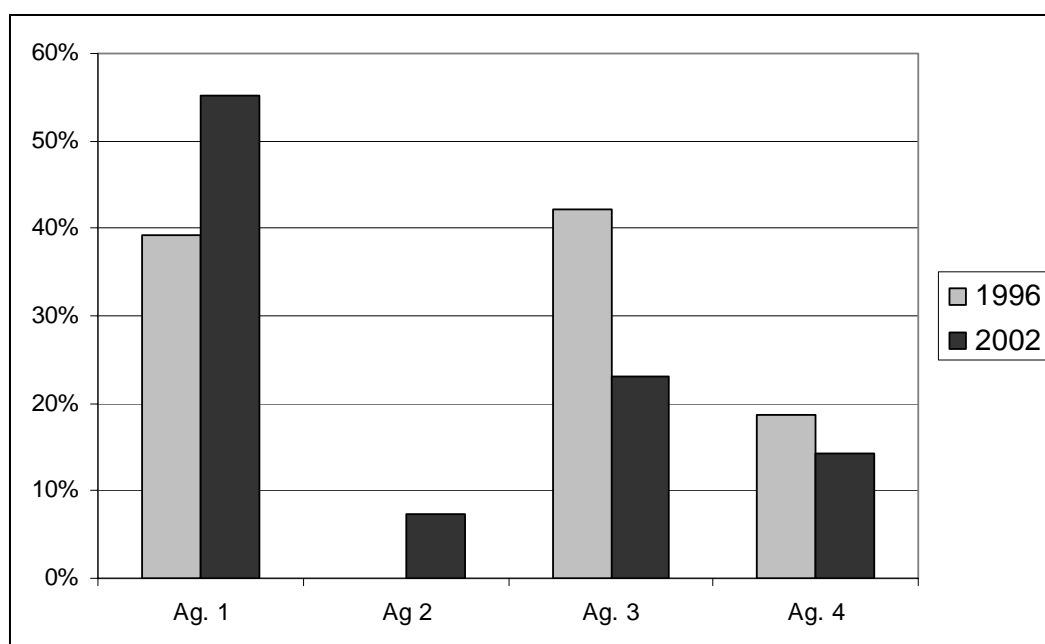
- ❖ Ensino Básico Obrigatório (7º, 8º e 9º anos)
- ❖ Percursos diferenciados no Ensino Básico (tipo 5 – Desp. Conj. 279/2002)
- ❖ Ensino Secundário
  - Cursos Predominantemente Orientados para o Prosseguimento de Estudos
    - Científico-Naturais
    - Artes
    - Económico-Sociais
    - Humanidades
  - Cursos Predominantemente Orientados para a Vida Activa
    - Mecanotecnia
    - Electrotecnia
    - Administração

- ❖ Ensino Recorrente por Unidades Capitalizáveis (Nocturno)
  - Básico
  - Secundário

## Alunos

No ano lectivo de 2002/2003 estavam matriculados na escola os seguintes alunos:

	1996		2002	
	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos
<b>Ensino Básico Obrigatório</b>	<b>23</b>	<b>527</b>	<b>10</b>	<b>193</b>
Percurso Normal	23	527	9	173
Percurso diferenciados no Ensino Básico			1	20
<b>Ensino Secundário</b>	<b>29</b>	<b>600</b>	<b>26</b>	<b>545</b>
<b>CSPOPE</b>	<b>18</b>	<b>394</b>	<b>20</b>	<b>411</b>
Científico-Naturais	8	178	10	244
Artes			3	40
Económico-Sociais	5	104	3	49
Humanidades	5	112	4	78
<b>CSPOVA</b>	<b>11</b>	<b>206</b>	<b>6</b>	<b>134</b>
Mecanotecnia	1	15	0	0
Electrotecnia	3	42	3	57
Administração	7	149	3	77
<b>Ensino Recorrente por Unidades Capitalizáveis</b>	<b>5</b>	<b>133</b>	<b>4</b>	<b>280</b>
Básico	2	40	1	35
Secundário	3	93	3	245
<b>TOTAIS ...</b>	<b>57</b>	<b>1260</b>	<b>41</b>	<b>1018</b>



**Inquérito**

No corrente ano lectivo – 2002/2003 – estava matriculado na escola um total de 1.018 alunos, distribuídos de acordo com o quadro seguinte. Nesse mesmo quadro, indica-se o número de alunos respondentes a um inquérito por questionário, realizado no intuito de um maior conhecimento da especificidade do corpo discente.

Ano	Matriculas	Respostas ao Inquérito	% de Respostas
7º	62	52	83,9%
8º	56	53	94,6%
9º	75	73	97,3%
10º	184	157	85,3%
11º	167	113	67,7%
12º	194	141	72,7%
<b>Total de Alunos Diurnos</b>	<b>738</b>	<b>589</b>	<b>79,8%</b>

Recorrente Básico	35
Recorrente Secundário	245
<b>Total de Alunos Nocturnos</b>	<b>280</b>

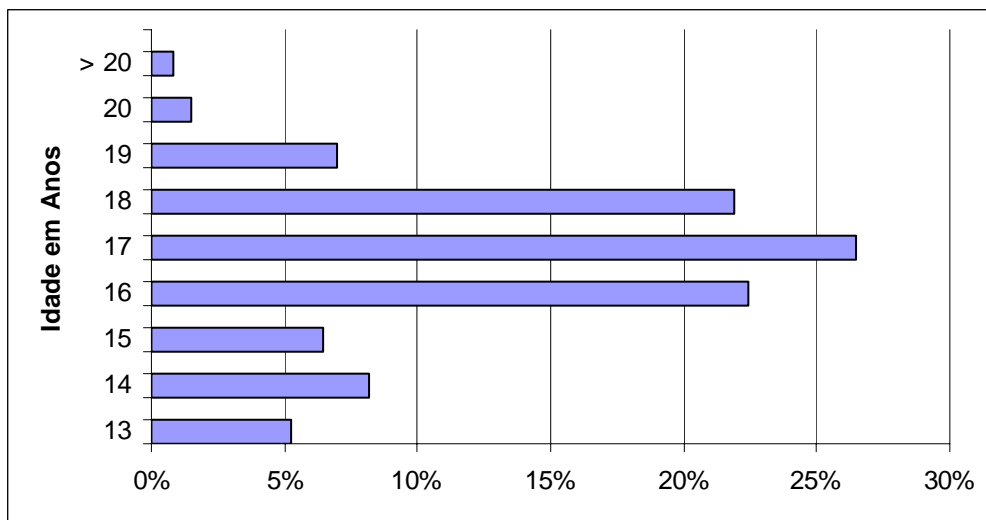
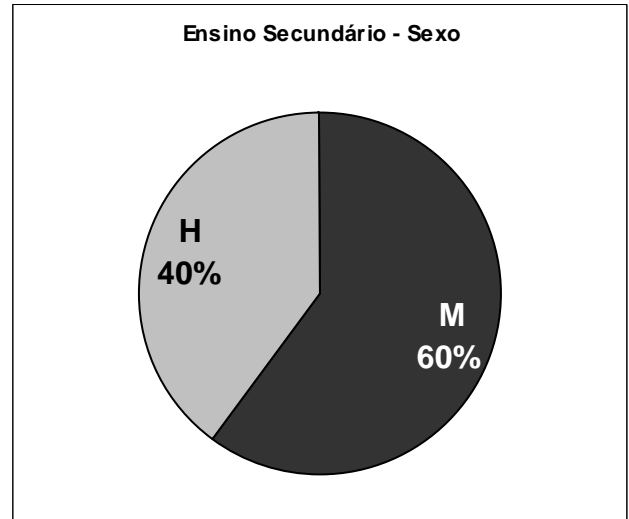
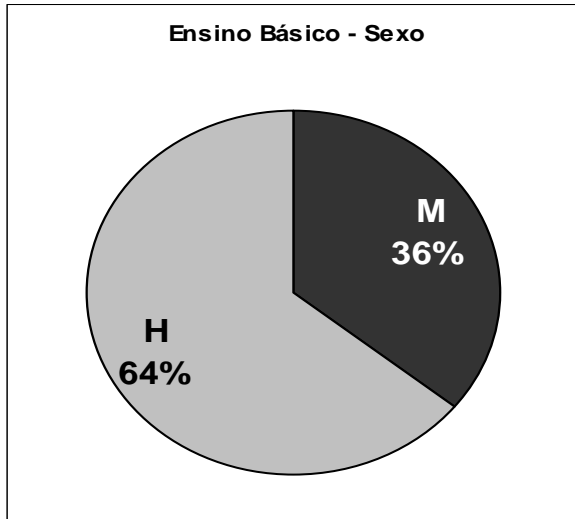
<b>Total de Alunos da Escola</b>	<b>1.018</b>
----------------------------------	--------------

**Idade e Sexo**

Idade em Anos	Sexo	7º	8º	9º	10º	11º	12º	TOTAL
13	M	25,0%						5,3%
	H	32,7%	1,9%					
14	M	9,6%	26,4%		0,6%			8,1%
	H	17,3%	35,8%					
15	M	1,9%	9,4%	13,7%	0,6%			6,5%
	H	9,6%	9,4%	15,1%				
16	M	1,9%	7,5%	8,2%	38,2%	0,9%		22,4%
	H	1,9%	5,7%	24,7%	21,0%	4,4%		
17	M			6,8%	17,2%	38,1%	2,1%	26,5%
	H		3,8%	24,7%	12,1%	32,7%	1,4%	
18	M				3,2%	10,6%	46,1%	21,9%
	H			6,8%	4,5%	8,0%	18,4%	
19	M				0,6%	2,7%	14,9%	7,0%
	H				1,3%	0,9%	9,2%	
20	M						2,1%	1,5%
	H					0,9%	3,5%	
> 20	M				0,6%			0,8%
	H					0,9%	2,1%	
	M	38%	43%	29%	61%	52%	65%	52,8%
	H	62%	57%	71%	39%	48%	35%	47,2%

A distribuição dos alunos – apenas dos cursos diurnos – por idade e sexo é a que se apresenta no quadro acima. Importa dizer que a disparidade de alunos do sexo masculino no ensino básico se fica a dever a critérios de distribuição dos alunos do 7º ano pelas escolas do concelho. Importa ainda realçar a inversão desta tendência no ensino secundário, indicador claro de um mais acentuado abandono precoce da escolaridade por parte dos rapazes.

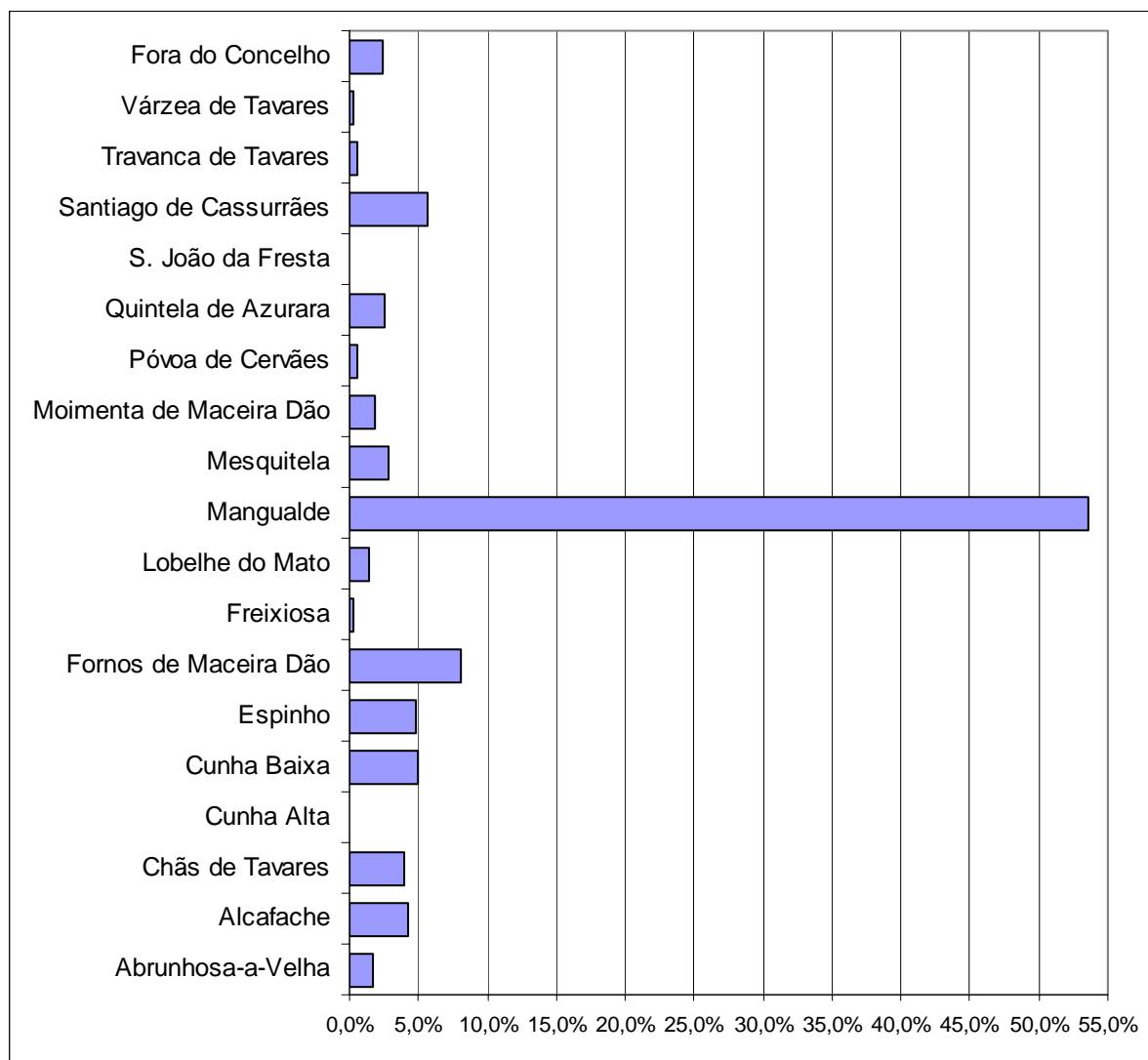
A mesma informação se apresenta abaixo sob uma forma gráfica.

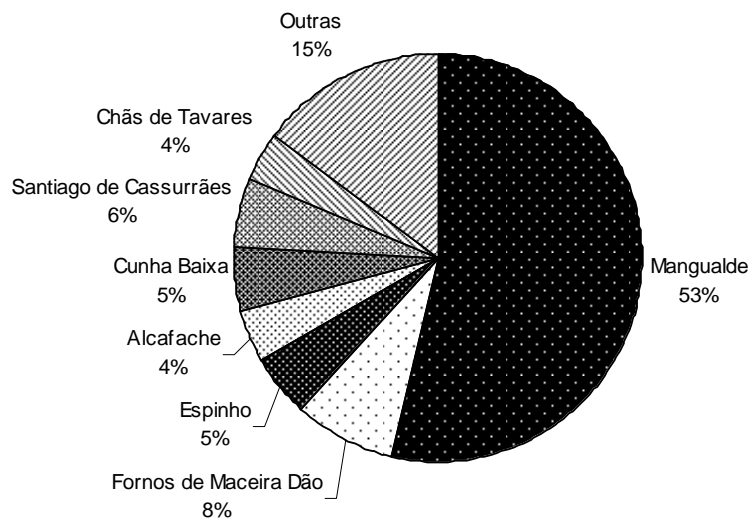


## Residência dos Alunos

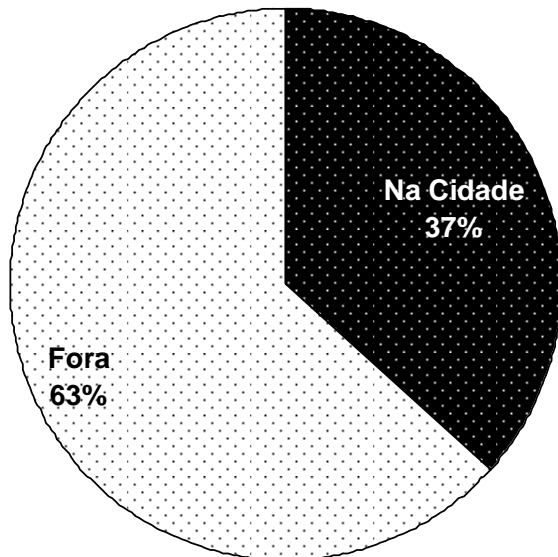
Procurámos determinar a origem geográfica dos alunos através da identificação das suas freguesias de residência. Procurámos, ainda, determinar a relação entre os alunos residentes dentro da área da cidade de Mangualde e os de fora.

A informação relevante é a do quadro abaixo.





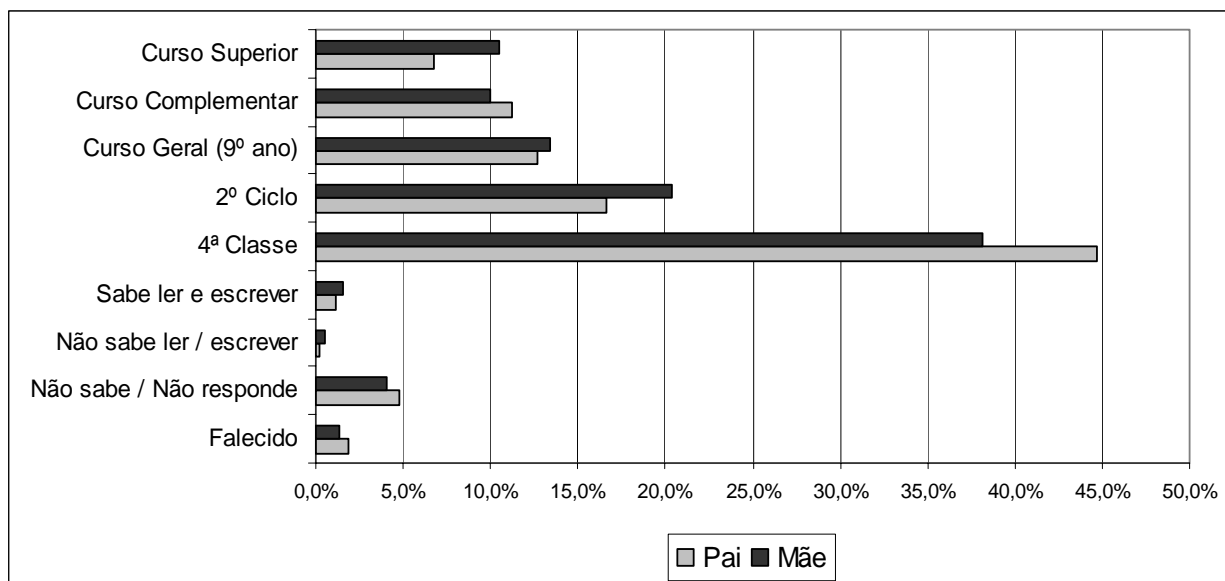
Os números enfatizam a macrocefalia deste concelho. De facto, esta realidade é ainda mais visível quando se trata da população escolar do que quando se observa a totalidade da população.



É ainda de realçar que, de acordo com o gráfico ao lado, 4 em cada 10 alunos residem na área geográfica da cidade de Mangualde.

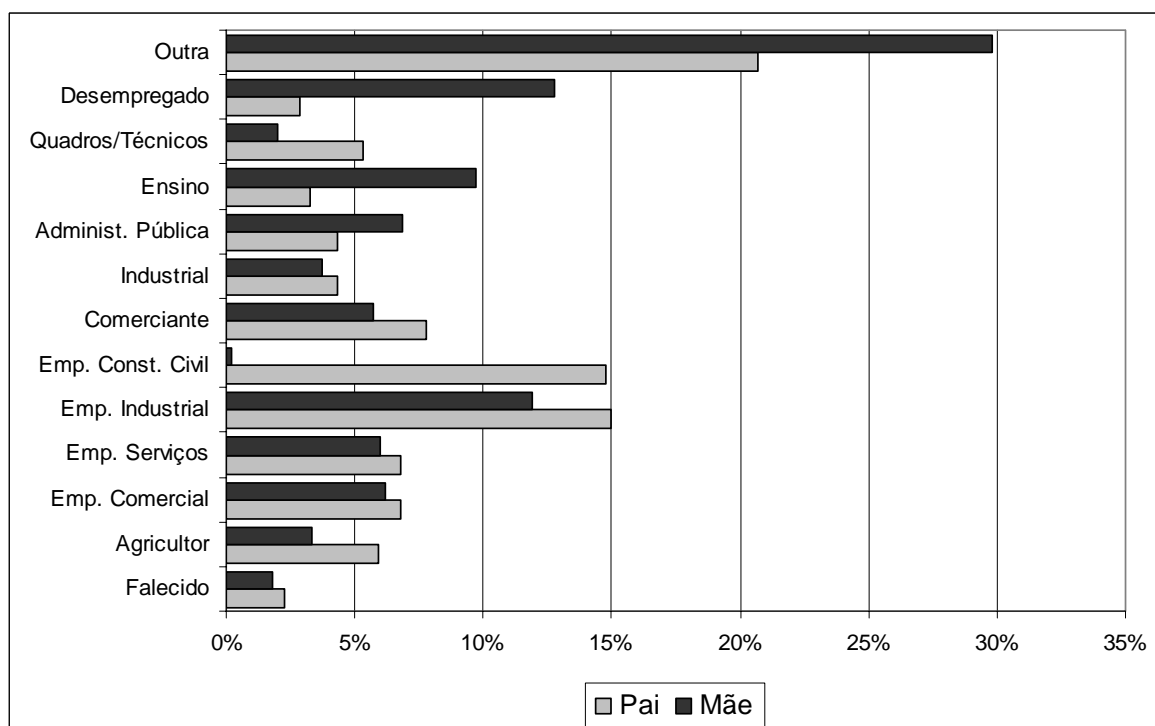
### Características dos Agregados Familiares

Interessou-nos conhecer o nível de habilitações académicas dos pais dos nossos alunos. A informação relevante é a que aparece no gráfico seguinte.



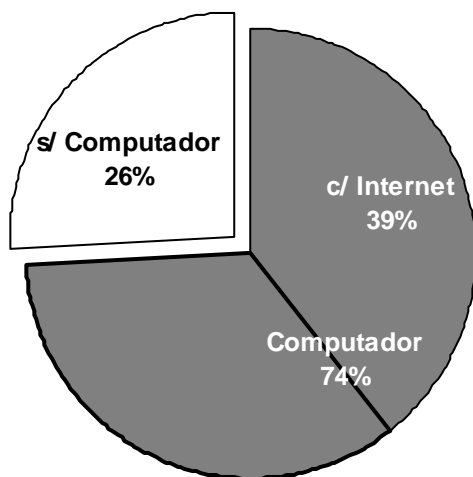
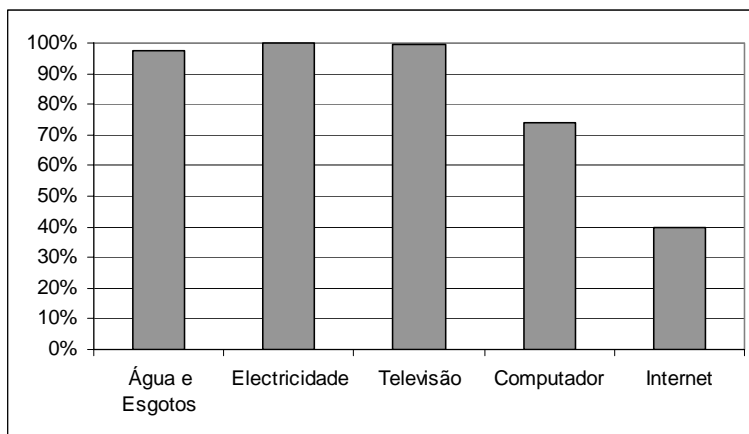
Embora ainda seja muito significativo o número de pais que apenas concluíram a instrução primária, entende-se relevante o facto de cerca de 20% dos encarregados de educação terem concluído, pelo menos, um curso secundário.

Um outro aspecto que nos interessou foi o conhecimento das ocupações profissionais dos encarregados de educação. Nesta matéria as nossas expectativas foram defraudadas pelo número anormalmente elevado de respostas que recaíram na opção “Outra”. É possível que os alunos tenham incluído nesta categoria profissões como “feirante”, ou “bancário”, ou “empregado de escritório”, etc., por deficiente enquadramento da profissão exercida nas categorias disponíveis.



Contudo, e apesar das limitações referidas, parece claro o peso das profissões ligadas à indústria e à construção civil, bem como o quase desaparecimento das actividades ligadas à agricultura.

Quanto às condições da habitação, conforme se expressa no gráfico seguinte, verifica-se um enorme salto relativamente à situação aquando do inquérito de 1995. Considera-se muito interessante que cerca de  $\frac{3}{4}$  dos alunos tenham computador em casa e, mais ainda, que quase 40% tenham, aí, acesso à Internet.



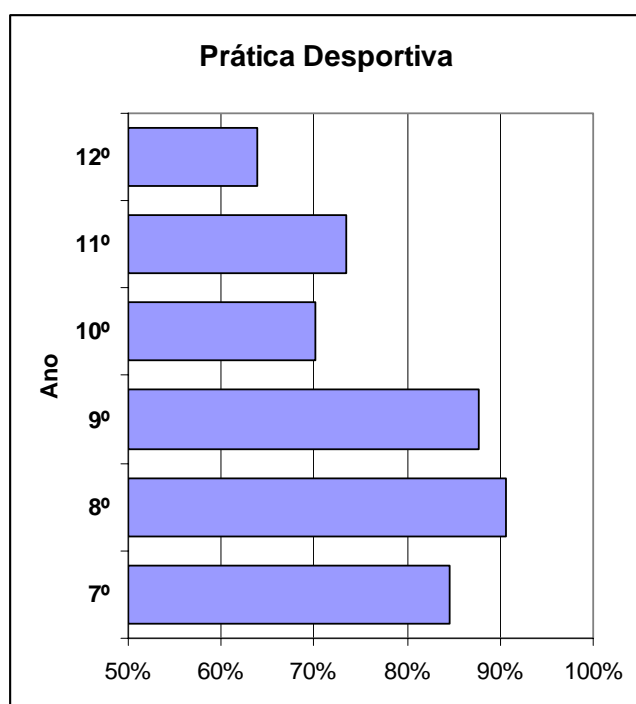
### Hábitos de Leitura

Inquiridos quanto aos respectivos hábitos de leitura, os alunos pronunciaram-se da forma elucidada no quadro seguinte:

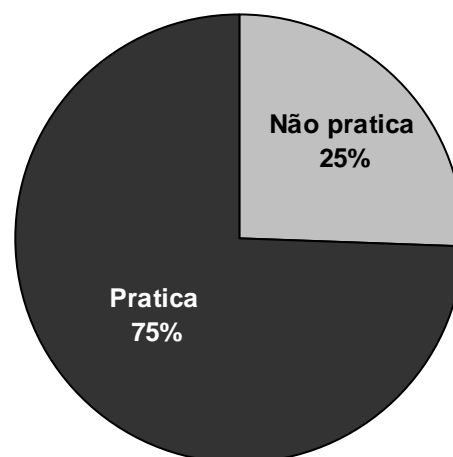
Costuma ler:			Total de Alunos	%
Jornais	Livros	Revistas		
Não	Não	Não	10	2%
Não	Não	Sim	69	12%
Não	Sim	Não	28	5%
Não	Sim	Sim	115	20%
Sim	Não	Não	30	5%
Sim	Não	Sim	108	18%
Sim	Sim	Não	16	3%
Sim	Sim	Sim	213	36%

Tendo em conta outros dados sobre esta matéria, é nossa convicção de que estes resultados são muito lisonjeiros. É de referir que nada se inquiriu quanto à frequência com que o aluno lê – diariamente, semanalmente, etc. Ainda assim, constata-se o peso significativo das revistas, nada se sabendo sobre a tipologia das mesmas. Trata-se de matéria a investigar com mais profundidade logo que possível.

### Prática de Desporto

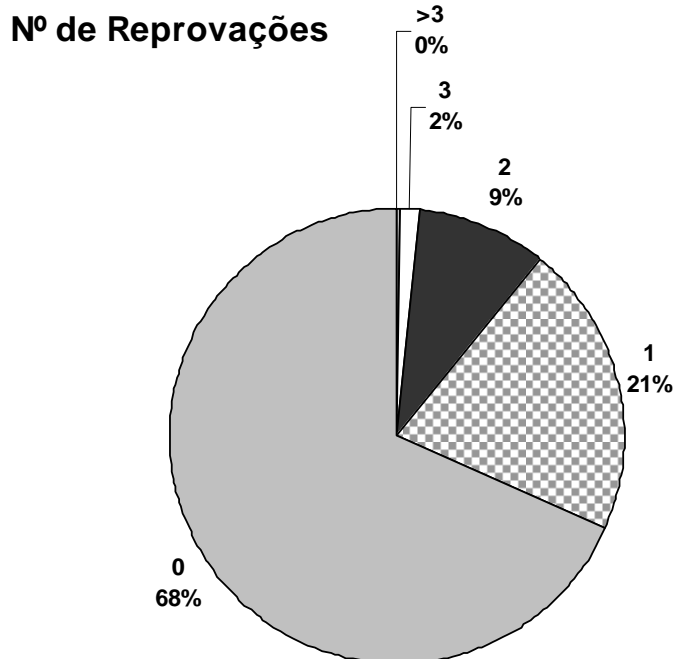


Quanto à prática desportiva fora da escola, constata-se que 25% simplesmente não o fazem. Também não surpreende que o número de praticantes decresça à medida que o ano de escolaridade aumenta.

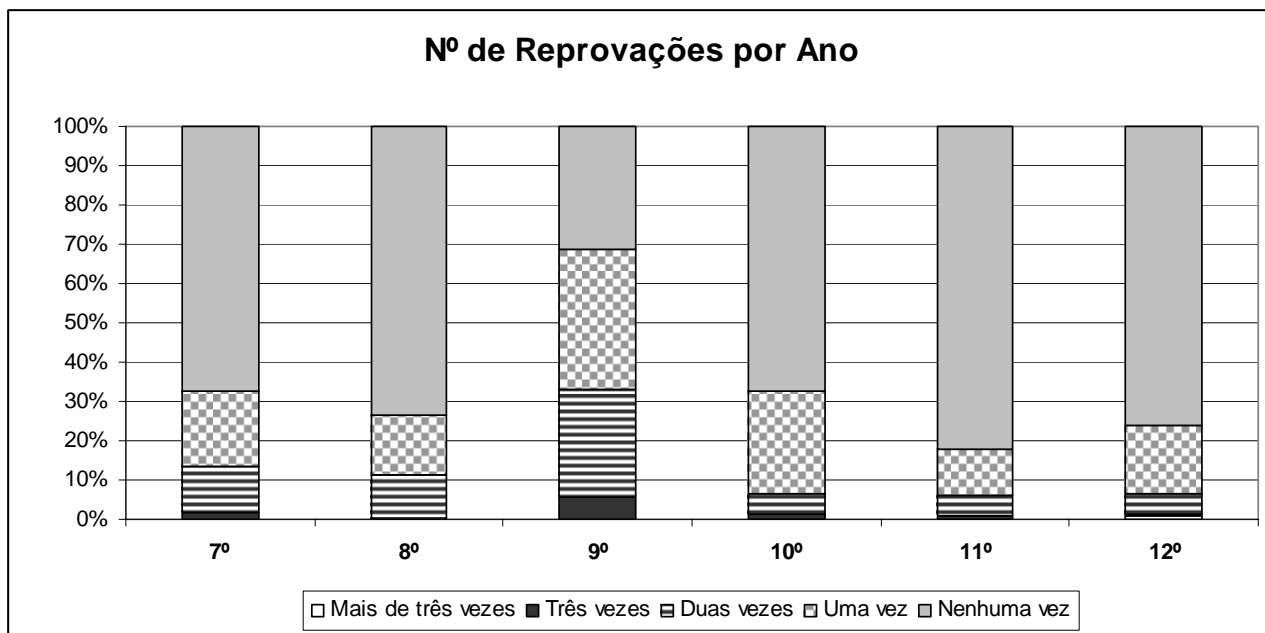


**Número de Reprovações**

Naturalmente, quisemos conhecer o número de repetências dos alunos desde que iniciaram a escolaridade obrigatória, tendo ficado a saber que cerca de 32% já reprovou pelo menos uma vez.

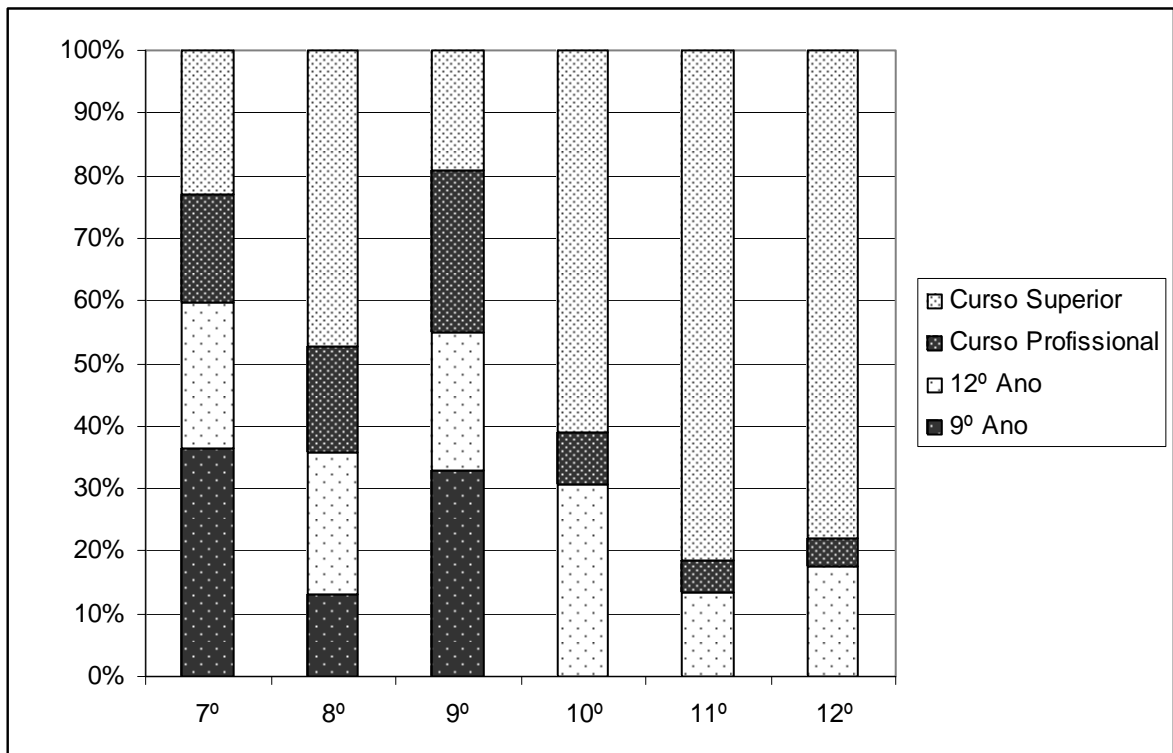
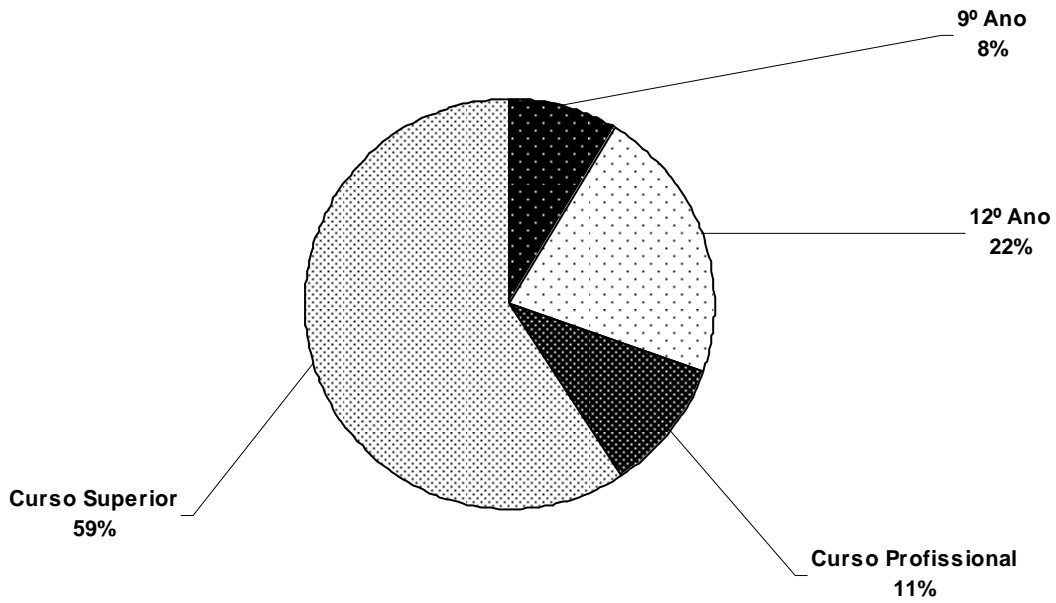


Numa análise mais detalhada, ano a ano, pode constatar-se que aquele onde existem mais alunos com muitas retenções é o 9º. Também se pode deduzir que grande parte destes alunos não prossegue estudos no secundário.



**Intenção de Prosseguimento de Estudos**

A intenção de conclusão de um Curso Superior é partilhada por cerca de 60% dos nossos alunos. Contudo, quando desagregada ao nível do ano, constata-se que essa intenção aumenta com a escolaridade. Sinal claro, a requerer análise e reflexão mais aprofundada, é a declaração de intenção de opção por um curso profissional



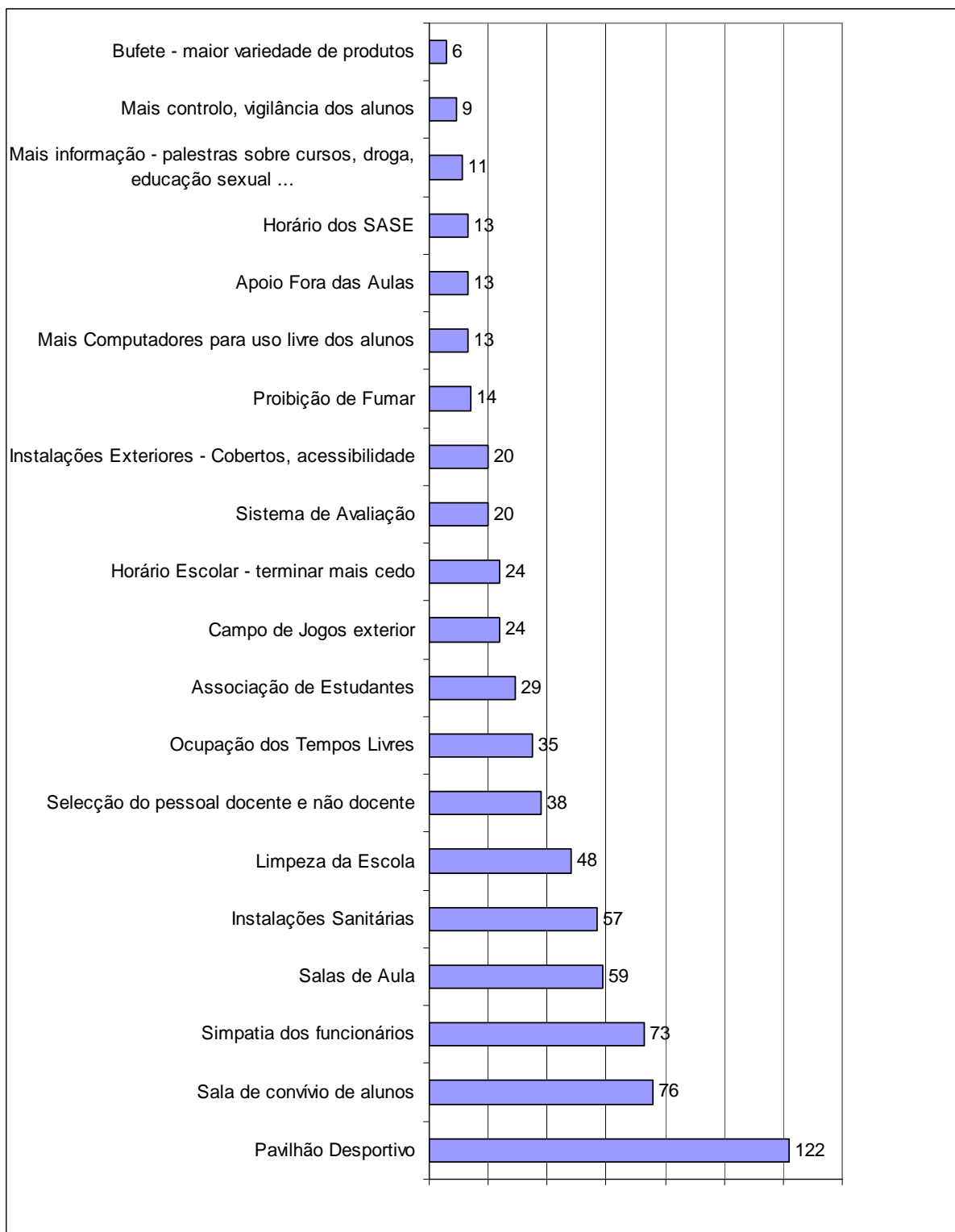
**A escola vista pelos Alunos**

Procurámos conhecer as percepções dos nossos alunos relativamente às instalações, serviços e órgãos da escola. Os resultados dos dados recolhidos são os seguintes:

<b>Sala de Convívio</b>	
<b>Papelaria</b>	
<b>Portaria</b>	
<b>Refeitório</b>	
<b>Secretaria</b>	
<b>Bufete</b>	
<b>Biblioteca</b>	
<b>Serviços de Psicologia</b>	
<b>Assoc. Estudantes</b>	
<b>Director de Turma</b>	
<b>Conselho Executivo</b>	
<b>Funcionários</b>	
<b>Professores</b>	

### Principais preocupações dos Alunos

Inquiridos quanto àquilo que urge melhorar na escola, os alunos responderam de acordo com gráfico seguinte:



**Docentes**

Grupo	Lugares do Quadro	Pessoal Docente em Serviço em 2003									
		do Quadro da Escola		do Quadro de outra Escola		Contratados		TOTAL		TOTAL GERAL	
		H	M	H	M	H	M	H	M		
1º	11	4	3		1	2	3	6	7	13	
2º A	1						1	0	1	1	
2º B	2	1		1				2	0	2	
4º	7	2	1		2	1		3	3	6	
5º	5	1	2				1	1	3	4	
6º	3	2						2	0	2	
7º	4	2	1		1		1	2	3	5	
8º A	12		12		1		4	0	17	17	
8º B	6		6				3	0	9	9	
9º	7	1	5				4	1	9	10	
10º A	7	3	4					3	4	7	
10º B	4	2	2			1		3	2	5	
11º A	4	1	3					1	3	4	
11º B	6		5					0	5	5	
12º A	3	3						3	0	3	
12º B	2	2				2		4	0	4	
12º C	1		1					0	1	1	
Informática	2	1			1	1		2	1	3	
EMRC	1	1						1	0	1	
EF	4			1		3	1	4	1	5	
<b>TOTAL ...</b>	<b>92</b>	<b>26</b>	<b>45</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>38</b>	<b>69</b>	<b>107</b>	

**Não Docentes****Pessoal Administrativo**

	H	M	TOTAL
Secretaria	2	7	9
SASE	1	2	3
<b>TOTAL ...</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>12</b>

**Pessoal Auxiliar**

	H	M	TOTAL
Auxiliares Acção Educativa	6	17	23
Cozinha	1	3	4
Manutenção	1		1
Guardas	1		1
<b>TOTAL ...</b>	<b>9</b>	<b>20</b>	<b>29</b>

## **Associações**

### **Associação de estudantes**

A Associação de Estudantes, embora tenha já conhecido tempos de muito maior envolvimento no quotidiano escolar, dinamiza actividades de ocupação de tempos livres, com ênfase para a Rádio Escola, os torneios desportivos e as actividades de final de período.

Embora absolutamente independente da AE, não se pode olvidar a importância para a ESFA da Comissão de Finalistas, nomeadamente pelo impacto que as suas tradicionais actividades – Baile de Finalistas, Sarau e Viagem de Finalistas - têm na comunidade.

### **Associação de Pais e Encarregados de Educação**

Tem primado pela sua permanente luta contra a não participação dos pais no acompanhamento do percurso escolar dos seus filhos. Prima por ser uma associação interventiva, elaborando propostas, concretizando actividades e incentivando a relação dialógica escola - família.

## **CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA ORGANIZACIONAL**

Como sabemos as escolas distinguem-se pelo seu clima e cultura próprios, muito embora tenham traços similares no âmbito nomotético e administrativo. É essencialmente a tipicidade dessa cultura / clima que cria um projecto educativo em cada escola, o qual não se pode plagiar ou servir como marco referencial de outros projectos desta natureza.

Esta cultura é permeada por crenças, valores, expectativas, tensões, coexistindo em si sub-culturas várias, uma vez que cada docente importa as suas ideologias, motivações, reivindicações, interesses e afinidades com outros grupos.

Assim, cada escola possui uma visão peculiar da vida e da natureza humana, gerando representações simbólicas, rituais, valores, referências, que a marcam significativamente e profundamente. Nesse sentido, a nossa escola tem actuado no âmbito axiológico, promovendo a solidariedade através de campanhas múltiplas que têm produzido os seus efeitos para além da comunidade escolar, incidindo, igualmente, no meio. Tenta implementar um sentimento estético através de concursos de vários tipos, operando a humanização e o alindamento de espaços, desenvolvendo um sentido de responsabilidade cívica e social e um espírito de tolerância face ao espaço multicultural que caracteriza a escola.

A tomada de decisões está disseminada pela organização, existindo um espírito de auscultação, operando-se a comunicação no sentido vertical e horizontal, gerando-se propostas nos departamentos curriculares e nos conselhos de turma, através da sua coordenação, que depois são remetidas ao Conselho Executivo e/ou ao Conselho Pedagógico.

Quanto às perspectivas pedagógicas, continua a ser priorizada, mesmo no ensino básico, a componente instrucional, aparecendo, em segundo lugar, a vertente socializadora. Esta concepção, que está indubitavelmente ligada a dois factores: a origem da escola (ensino secundário não obrigatório) e a pressão da avaliação externa (necessidade do cumprimento imperioso dos programas tendo em conta os exames finais nacionais), tem importantes reflexos ao nível das práticas docentes nas turmas do ensino básico, já que a excessiva preocupação com o cumprimento de programas inviabiliza a reconstrução efectiva de currículos adequados a alunos que não efectuaram, atempadamente, aprendizagens estruturantes.

## **PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS**

Embora os princípios filosóficos essenciais não sejam definidos pela escola, antes pelo ordenamento jurídico que emana da Constituição da República, da Lei de Bases da Educação e do edifício legal construído por uma multitude de normas, importa que este Projecto Educativo clarifique as concepções educacionais que, sem porem em causa o estabelecido por aquele enquadramento normativo, constituem, afinal, a autonomia da Escola. Assim:

O acto educativo não pode ser entendido como mero acto de transmissão de conhecimento. Neste sentido, o acto de educar transforma-se, também, num acto cultural de socializar e de constituir o reforço da personalização do indivíduo. Nesta concepção estão presentes três coordenadas: a do conhecimento científico, a do reflexivo e a do cultural. A interactividade destes três eixos no acto educativo, mediado pelo professor e por outros agentes educativos, permitirá o desenvolvimento temporal e espacial de um indivíduo são. Só assim é que a escola servirá, não só para transmitir conhecimentos, mas também para continuar um processo que se iniciou no meio familiar e social e que agora é continuado, concorrentemente, na escola.

A escola não poderá ser identificada como etapa terminal, mas sim como mais uma etapa, a qual permitirá ao aluno o acesso a novas etapas do seu desenvolvimento e da sua integração social e profissional. Ao entendermos a escola com este papel, não a podemos reduzir à prelecção e exposição de conhecimentos. A dualidade teoria e prática, no processo de aquisição e actualização do conhecimento, tem que adquirir o valor dinâmico de uma acção pedagógica que não pode estar centralizada apenas no professor. Numa perspectiva dinâmica, ela tem que ser enunciada e exposta através da linguagem, mas tem que se consubstanciar numa actividade prática, de forma que o processo cognitivo e metacognitivo tenha sucesso. Assim, e de acordo com o actual desenvolvimento legislativo, têm que ser criadas actividades diversificadas a desenvolver em sala de aula, nos laboratórios e noutros espaços educativos. Actividades que permitam a intervenção do aluno através de uma linguagem com expoentes abstractos e concretos. Contudo, para que a informação seja devidamente assimilada, tem que se constituir, no terreno, uma área prática. Assim, a promoção de actividades em laboratório, a utilização de meios informáticos disponíveis e a intervenção em actividades de manipulação, são modelos importantes para o desenvolvimento e aquisição do conhecimento, modelos que, naturalmente, permitirão alcançar resultados para além dos do modelo expositivo. Caminhar-se-á, assim, para o desenvolvimento do acto de aprendizagem com significado. E é este acto que é importante produzir num sentido semiológico. Dessa forma, o aluno poderá construir a sua própria linguagem, um código com figuras significativas, disponível através da sua linguagem. O processo cognitivo, ao nível do processamento do conhecimento com que trabalhará, poderá aliviar a memória e criar processos de expressão pessoal diferentes dos utilizados em quadros pedagógicos expositivos. Ao citarmos um novo modelo pedagógico de processamento do conhecimento, não pretendemos esvaziar o acto pedagógico do conhecimento, mas relativizá-lo ao próprio processo em que acontece, para que se possa cimentar conceptualmente através da exercitação das diversas estruturas cognitivas participantes e emergentes no processo. Não pretendemos acabar com a memória no processo educativo, mas constituir elementos para que se estabeleça uma relação diferente na sua utilização face ao texto ou aos diferentes textos com que o indivíduo trabalhe, e, dessa forma, possam ser utilizados como elementos estruturais, como o cálculo, o raciocínio, a argumentação e a metáfora. Estes não podem deixar de estar inscritos numa narrativa do sujeito que trabalha com o texto pedagógico. Só fazendo referência, inferências e comparações com sua narrativa pessoal, é que o sujeito poderá descobrir uma lógica no conhecimento. A validade e a veracidade do conhecimento não poderão ser reduzidas apenas à lógica. Por isso, será necessário introduzir a metáfora. Esta permitirá efectuar comparações ao nível do processo da aquisição e construção do conhecimento e, em consequência, poderá permitir a obtenção de outro

tipo de validades e verdades. Estas poderão contribuir para a eliminação de juízos falsos, de falsas crenças, de superstições e de preconceitos. No entanto, o sentido do trabalho pedagógico que estamos a apresentar neste projecto educativo não constitui nenhuma novidade, porque traduz mecanismos historicamente utilizados pelos sujeitos e pelas sociedades. A prova disso é a sua existência na linguagem disponível, sob a forma de conceitos. Simplesmente, a evolução da educação contribuiu para a valorização da aquisição imediata do conhecimento, sustentando-se também num raciocínio hipotético-dedutivo. Estes dois dados são contrários aos diferentes ritmos de aprendizagem que os indivíduos produzem, estando, por isso, na base do insucesso, do absentismo e da exclusão escolar que se verificam neste e, porventura, noutras escolas. A valorização excessiva do abstracto, nos conteúdos programáticos, fortaleceu o sentido teórico do texto pedagógico e, daí, a sua inacessibilidade a muitos dos nossos alunos.

As concepções enunciadas conduzem à assumpção de que, na escola, tudo se deve constituir como acto educativo, acto este que deve, em qualquer circunstância, visar três grandes finalidades não passíveis de hierarquização: a instrução, a socialização e a personalização. Assume-se, igualmente, que as duas últimas devem constituir preocupação permanente nos primeiros anos de escolaridade, até ao nono ano, a partir do qual a dimensão instrucional assumirá maior relevo. Por outro lado, tendo em conta a apresentação de alternativas a todos os alunos, uma outra finalidade não pode deixar de ser considerada: a dimensão profissionalizante.

## VALORES

No cumprimento do determinado, quer pela Constituição da República, quer pela Lei de Bases da Educação, a ESFA orientará a sua actividade quotidiana de forma a promover valores fundamentais para o exercício da cidadania, dos quais se destacam:

- A liberdade individual, no respeito por si próprio, pelos outros e pela natureza;
- A responsabilidade pelos actos e decisões que individual ou colectivamente se tomam;
- A solidariedade;
- O trabalho enquanto meio para se atingirem metas individuais ou colectivas;
- A identidade nacional enquanto espaço de referências culturais comuns que nos projectam para fora dos limites territoriais transformando-nos em cidadãos do mundo.

## OBJECTIVOS

Tal como afirmado, o estabelecimento de objectivos decorre do enquadramento legal ao qual a escola pública está vinculada. Ainda assim, dentro da estreiteza das margens de autonomia concedida, pode assumir-se que o objectivo principal deste projecto se identifica, essencialmente, com os contributos para uma educação, uma socialização e uma personalização dos jovens que frequentam esta escola. Este objectivo prioritário poderá ser realizável através de sub objectivos que interactuam numa perspectiva diacrónica e sincrónica. Nestes podemos realçar os seguintes:

- Promover a educação para a cidadania através da sensibilização e descoberta de valores tais como a responsabilidade, a solidariedade e a liberdade;
- Promover o desenvolvimento integral do aluno em todas as suas vertentes;
- Criar espaços de expressão e diagnóstico das necessidades dos alunos de forma a romper com concepções de fracasso, de diferença, de bloqueio e mesmo de problemas pessoais;
- Desenvolver modelos pedagógicos que potencializem o acto educativo no sentido de um enriquecimento pessoal;
- Valorizar práticas de inovação educacional, nomeadamente através da utilização de novas tecnologias de informação e comunicação;
- Implementar uma cultura de reconhecimento e valorização das boas práticas educativas;
- Valorizar modelos pedagógicos que visem uma sólida formação académica;
- Valorizar uma cultura de Qualidade e de Excelência nos processos de ensino e de aprendizagem;
- Incrementar iniciativas e actividades que promovam o interesse científico e tecnológico dos alunos;

- Assegurar a oferta de percursos diferenciados que assegurem o sucesso de todos e de cada um dos nossos alunos;
- Promover práticas de integração de migrantes;
- Desenvolver as condições propiciadoras da melhoria das relações humanas entre todos os intervenientes no processo educativo;
- Promover uma gestão dos recursos humanos da comunidade educativa de acordo com o ideário deste projecto;
- Optimizar métodos e processos de gestão escolar;
- Enriquecer os espaços educativos com actividades que promovam a expressão cultural, artística e lúdica;
- Desenvolver uma leitura de intervenção socio-ecológica nos nossos alunos;
- Desenvolver na escola um sistema interactivo mediado pelos valores socio-culturais do meio envolvente;
- Reforçar a actuação da Escola como verdadeiro espaço cultural, informativo e formativo;
- Estabelecer parcerias tendo em vista a articulação das actividades educativas próprias com as de outras escolas, organizações e instituições, nomeadamente com a autarquia;
- Participar na construção de um projecto educativo de âmbito concelhio.

## ESTRATÉGIAS ORGANIZACIONAIS

Tendo em conta os objectivos enunciados, importa reorganizar a escola.

Esta tem vindo a funcionar num **modelo** misto de colegialidade e individualidade onde tem sido notória a dificuldade em transpor para a sala de aula decisões tomadas ainda que colectivamente. Rejeitando embora um modelo fortemente hierarquizado, entende-se necessário o reforço dos níveis de gestão intermédios, reforço que deve assentar num diálogo perseverante, para que as decisões tomadas possam, verdadeiramente, vir a ser apropriadas por todos e por cada um dos intervenientes.

Por outro lado, também ao **nível da sala de aula**, ao nível da concretização das opções educativas, é necessário alterar metodologias e processos. É certo que o aluno deve ser sempre o sujeito activo da construção do seu próprio conhecimento, desenvolvendo competências que lhe permitam uma aprendizagem contínua ao longo da vida. Nesta concepção, o professor deverá assumir-se como um mediador, um *problematizador*, sem que, contudo, se apague na sala de aula. O professor deverá assumir-se sempre como um recurso permanente através dos conhecimentos que evidencia, da cuidadosa planificação das actividades e da gestão dos tempos. Do reconhecimento das suas competências advirá a necessária autoridade democrática.

Outro aspecto estratégico é o que se prende com o **Projecto Curricular de Escola** aplicável a turmas do Ensino Básico. Este projecto deverá ser revisto de forma a contemplar, formalmente, vias alternativas de formação. Ainda neste âmbito do PEE, importa investir no aprofundamento da

transversalidade do saber, nomeadamente naquilo que diga respeito às áreas curriculares não disciplinares.

Vertente a não descurar será, naturalmente, a da **avaliação**.

No que concerne ao Ensino Secundário, a escola produziu um dispositivo de avaliação que, claramente, trouxe acréscimos de qualidade aos níveis do objecto, da uniformidade, da sistematicidade e da transparência, reduzindo significativamente a subjectividade característica do processo. Contudo, no que se refere ao Ensino Básico, a ESFA deverá investir no aprofundamento do processo de avaliação dos alunos do ensino básico, com especial incidência na elaboração de instrumentos de avaliação diversificados que permitam aquilatar do grau de aquisição das competências definidas, ultrapassando a mera constatação do conhecimento ou não de conteúdos curriculares.

Questão central continuará a ser a **Orientação e o Acompanhamento dos Alunos**.

Nesta matéria, os Serviços de Psicologia deverão continuar a pautar a sua acção por elevados padrões de eficiência, observando e diagnosticando situações-problema, propondo a aplicação de medidas, estabelecendo percursos individuais de formação e colaborando com todos os intervenientes. Se bem que os alunos do ensino básico sejam os destinatários privilegiados da acção destes serviços, deverá estender-se este tipo de acompanhamento aos alunos do secundário, no reforço do que, aliás, já vem sendo prática. Concomitantemente, os SPO's deverão continuar a desenvolver actividades de informação e orientação escolar, vocacional e profissional.

No que concerne à **Gestão dos Espaços Escolares**, os órgãos de gestão procurarão gerir o número de alunos por turma, tendo como preocupação o sucesso escolar dos mesmos, ao mesmo tempo que planificarão a utilização de espaços educativos específicos em articulação com os respectivos departamentos disciplinares. Ainda nesta matéria de instalações, o Conselho Executivo deverá procurar o apoio necessário à requalificação do pavilhão desportivo, da sala de convívio de alunos, do campo de jogos exterior e das instalações sanitárias, estabelecendo, neste último aspecto, padrões de elevada exigência higiénica. O Conselho Executivo deverá ainda dotar a escola de um espaço educativo multifuncional com capacidade para representação teatral, exibição de materiais multimédia e realização de conferências e palestras.

As estratégias de acção para consecução dos objectivos deste projecto não poderão deixar de incluir preocupações ao nível da **Formação do Pessoal**.

No âmbito das suas competências, o Conselho Pedagógico definirá as necessidades de formação dos professores, priorizando-as, e articulando a sua implementação com o Centro de Formação de Professores de Penalva e Azurara. No que respeita a pessoal não docente, a prioridade da formação deverá incidir no POC Educação, nas Tecnologias da Comunicação e no relacionamento interpessoal.

Finalmente, a **gestão financeira** deverá ser instrumental para a consecução das finalidades e dos objectivos estabelecidos. Deverá manter-se a preocupação em gerar receitas próprias que possam ser canalizadas para investimentos estruturantes, sem que seja posta em causa a qualidade do funcionamento corrente da escola. Os orçamentos deverão ser elaborados segundo linhas definidas pela Assembleia de Escola, a qual, garantindo a transparência da administração, apreciará os relatórios anuais.

## AVALIAÇÃO DO PROJECTO

A avaliação deste projecto não estará condicionada por qualquer aspecto de temporalidade. Pelo contrário, proceder-se-á a uma avaliação contínua com base na reflexão, nos órgãos de gestão e administração, sobre os indicadores considerados pertinentes. De entre estes, destacamos:

- A qualidade das relações interpessoais;
- O grau de satisfação dos intervenientes;
- As percepções dos actores;
- Os relatórios periódicos de avaliação dos alunos;
- Os resultados dos exames nacionais.

Como instrumentos de avaliação serão utilizados inquéritos por questionário, análise documental e, naturalmente, a observação directa.

**(aprovado em reunião do Conselho Pedagógico de 19/11/2003)**